

FICHA TÉCNICA

Título original: *Second Life*

Autor: S.J. Watson

Copyright © Lola Communications Ltd. 2015

Edição original publicada na Grã-Bretanha em 2015 por Doubleday, uma chancela de Transworld Publishers

Tradução © Brilho das Letras, Lisboa, 2015

Tradução: Ana Cunha

Capa: Claire Ward/TW

Imagem da capa © Shutterstock

Composição, impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 398 124/15

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2015

Jacarandá é uma chancela da Brilho das Letras

Reservados direitos exclusivos para Portugal

e não exclusivos para o resto do mundo (exceto América do Sul) à

Brilho das Letras

Uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@jacaranda.pt

www.jacaranda.pt

facebook.com/jacarandaeditora

Esta é uma obra de ficção e, exceto no caso de factos históricos, qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

PRIMEIRA PARTE

Subo as escadas, mas a porta está fechada. Do lado de fora, hesito. Agora que aqui estou, não quero entrar. Quero dar meia-volta, ir para casa. Tentar de novo mais logo.

Mas é a minha última hipótese. A exposição já dura há semanas e termina amanhã. É agora ou nunca.

Fecho os olhos e inspiro o mais fundo que consigo. Concentro-me em encher os pulmões, endireito os ombros, sinto a tensão no corpo a evaporar enquanto expiro. Digo para comigo que não tenho nada por que me preocupar, venho cá regularmente — almoçar com amigos, ver as exposições mais recentes, assistir a palestras. Esta vez não é diferente em nada. Não há aqui nada que me possa fazer mal. Não é nenhuma armadilha.

Finalmente, sinto-me pronta. Empurro a porta, abro-a e entro.

O sítio tem exatamente o aspeto de sempre — paredes em branco-sujo, soalho de madeira polida, focos de luz no teto, pendurados em calhas — e embora seja cedo, já andam por cá algumas pessoas a deambular. Observo-as um minuto, a pararem diante das imagens, algumas ficando mais atrás para obterem uma vista melhor, outras assentindo com a cabeça ao reparo murmurado por um acompanhante, ou a examinarem o panfleto que tiraram lá em baixo. A atmosfera é de reverência calada, de contemplação calma. Estas pessoas olharão para as fotografias. Gostarão delas, ou não, depois voltarão lá para fora, às suas vidas, e com toda a probabilidade esquecer-se-ão delas.

A início, só me permito um passar os olhos pelas paredes. Há para aí uma dúzia de fotografias maiores, penduradas a intervalos,

e, entre estas, algumas, poucas, mais pequenas. Digo para comigo que podia deambular, fingir-me interessada em todas, mas hoje vim ver uma só fotografia apenas.

Demoro um momento a encontrá-la. Está pendurada na parede mais distante, ao fundo da galeria, não exatamente ao centro. Está junto a um par de outras fotos — um retrato a cores em tamanho real de uma rapariga jovem com um vestido rasgado, outro tirado ao perto de uma mulher com olhos delineados a lápis preto, a fumar um cigarro. Mesmo a esta distância, tem um ar impressionante. É a cores, embora fosse tirada à luz natural e a paleta seja sobretudo de azuis e cinzas, e ampliada neste tamanho, é imponente. A exposição intitula-se *Acabou-se a Festa*, e embora não olhe a fotografia como deve ser até estar a poucos passos dela, consigo perceber porque é que se encontra numa posição tão destacada.

Não olho para ela há mais de uma década. Não como deve ser. Já a vi, sim — embora na altura não fosse uma foto particularmente muito usada, tinha figurado numa ou noutra revista, e até num livro — mas não olhei para ela em todo este tempo. Ao perto, não.

Aproximo-me obliquamente dela e primeiro examino a legenda. Diz: «Julia Plummer». «*Marcus ao Espelho*, 1997, impressão Cibachrome». Não há mais nada, nenhuma informação biográfica, e fico aliviada. Permito-me erguer os olhos para a imagem.

É de um homem; aparenta uns vinte anos. Está nu, a foto foi tirada da cintura para cima, e olha para o seu reflexo. A imagem diante dele está focada, mas ele não, e a cara dele é magra. Os olhos estão semicerrados e tem a boca ligeiramente entreaberta, como se estivesse prestes a falar, ou a suspirar. Há ali algo de melancólico, mas o que não se consegue ver é que, até ao momento em que a foto foi tirada, o tipo — o Marcus — tinha estado a rir. Tinha passado a tarde na cama com a namorada, uma pessoa por quem ele estava tão apaixonado quanto ela por ele. Tinham estado a ler um ao outro, em voz alta — *Adeus a Berlim*, de Isherwood, ou talvez *O Grande Gatsby*, que ela tinha lido e ele não — e a comer gelado diretamente da embalagem. Estavam quentinhos, estavam felizes, estavam em segurança. Um rádio tocava *rhythm and blues* no quarto deles, do outro lado do corredor, e ele está com a boca

aberta na foto, porque a namorada, a mulher que está a tirar a fotografia, cantarolava de boca fechada a par com a música, e ele estava prestes a acompanhá-la.

Originalmente, a imagem era diferente. A namorada aparecia no enquadramento, refletida no espelho imediatamente acima do ombro do homem, com a máquina fotográfica próxima do olho. Ela estava nua, indistinta de tão desfocada. Era um retrato de ambos, nos tempos em que as fotografias tiradas ao espelho ainda eram incomuns.

Eu tinha gostado da fotografia dessa maneira. Quase que a preferia. Mas a dada altura — não me recordo quando, exatamente, mas decerto antes da primeira vez que a expus — mudei de ideias. Decidi que ficava melhor sem mim. Retirei-me da cena.

Agora, arrependo-me. Foi desonesto da minha parte, a primeira vez que usei a minha arte para mentir, e quero dizer ao Marcus que lamento. Tudo. Que lamento ter ido atrás dele para Berlim e tê-lo deixado ali, sozinho naquela fotografia, e que lamento não ser a pessoa que ele pensava que eu era.

Mesmo passado este tempo todo, ainda lamento.

Passa muito tempo até eu virar costas à minha fotografia. Já não tiro retratos como aquele. Agora são famílias, amigos do Connor, sentados com os pais e os irmãos mais novos, pequenos trabalhos que vou arrançando à porta da escola. Dinheiro para os alfinetes. E também não há mal nenhum nisso: dou o meu melhor, tenho boa reputação, sou competente. Convidam-me para as festas dos filhos, para tirar fotos aos convidados que são enviadas por *e-mail* como recordação; até tirei fotografias numa festa para miúdos, organizada para angariar dinheiro para o hospital onde o Hugh trabalha. Dá-me prazer, embora envolva apenas técnica, não é o mesmo que fazer retratos como este — não é arte, por falta de melhor palavra, e às vezes sinto falta de fazer arte. Indago-me se ainda seria capaz, se ainda tenho olho, o instinto para saber exatamente quando fazer acionar o obturador. O momento decisivo. Já passa muito tempo desde a altura em que me esforçava a sério.

O Hugh acha que eu devia voltar à fotografia. O Connor é mais crescido agora, já começa a viver a sua vida. Por causa do difícil

começo dele, ambos empreendemos a olhar por ele, mas ele precisa menos de nós do que dantes. Há mais espaço para mim agora.

Olho brevemente para as outras imagens nas paredes. Talvez volte, em breve. Podia concentrar-me um pouco mais na minha carreira e continuar a olhar pelo Connor. É possível.

Desço para esperar pela Adrienne. A início, ela queria vir comigo, para ver a exposição, mas eu disse-lhe que não, que queria ver a fotografia sozinha. Ela não se tinha importado. «Vou só ter contigo ao café», tinha ela dito. «Podemos talvez comer qualquer coisa.»

Chegou adiantada, está sentada a uma mesa à janela com um copo de vinho branco. Levanta-se quando eu me aproximo e abraçamo-nos. Sentamo-nos e ela já está a perguntar:

— Que tal foi?

Chego a minha cadeira mais para a mesa.

— Um bocado esquisito, para ser honesta. — A Adrienne já me mandou vir uma garrafa de água com gás e eu encho um copo. — Já não me dá a impressão de ser a minha fotografia.

Ela faz que sim. Sabe como eu andava apreensiva em relação a cá vir.

— Estão algumas fotos interessantes lá em cima. Queres lá ir dar uma olhadela? Mais logo?

— Talvez. — Diz ela, erguendo o copo. Eu sei que não irá, mas não fico ofendida. Já viu a minha fotografia e não quer saber das outras. — Saúde — brinda ela. Bebemos. — Não trouxeste o Connor?

Abano a cabeça.

— Era bizarro de mais, mesmo. — Rio-me. — Seja como for, ele tem que fazer.

— Saiu com os amigos?

— Não. O Hugh levou-o a nadar. Foram a Ironmonger Row. Ela sorri. O Connor é afilhado dela e ela já conhece o meu marido há quase tanto tempo quanto eu.

— Foram nadar?

— É novidade. Ideia do Hugh. Apercebeu-se de que no ano que vem faz cinquenta anos e anda apavorado. Anda a tentar ficar em forma. — Faço uma pausa. — Tens ouvido alguma coisa da Kate?

Baixo os olhos para a minha bebida. Não tencionara fazer-lhe a pergunta, não tão cedo, mas agora já está. Não sei ao certo que resposta preferiria. Sim, ou não.

Ela beberica o vinho.

— Há algum tempo que não. E tu?

— Há cerca de três semanas.

— E...?

Encolho os ombros.

— O costume.

— A meio da noite?

— Pois — suspiro eu. Relembro o último telefonema da minha irmã. Duas da manhã, tarde até para ela, lá em Paris. Parecia completamente desvairada. Bêbeda, calculei eu. Quer outra vez o Connor. Não sabe porque é que não a deixo ficar com ele. Não é justo, e, por sinal, não é ela a única pessoa que acha que o Hugh e eu estamos a ser egoístas e impossíveis.

— Vinha com a velha conversa do costume.

— Talvez precises de falar com ela. Novamente, quero eu dizer. Quando ela não estiver tão...

— Enfurecida? — Sorrio. — Sabes tão bem como eu a grande coisa que isso há de remediar, e seja como for, não a consigo apanhar. Não atende o telemóvel, e se ligo para o fixo, só apanho a companheira de apartamento, que não me diz nada. Não, ela está resolvida. Subitamente, ao fim deste tempo todo, tudo quanto ela quer no mundo é olhar pelo Connor. E acha que o Hugh e eu não deixamos apenas porque somos egoístas. Ainda não parou, nem um momento, para pensar no que o Connor achará, no que ele quererá. Sem dúvida que não lhe perguntou. Mais uma vez, é só ela que importa.

Calo-me. A Adrienne sabe o resto; não preciso de dizer mais. Ela conhece as razões por que eu e o Hugh ficámos com o filho da minha irmã, sabe que a Kate tem andado satisfeita com a situação estes anos todos. O que nenhuma de nós sabe é porque é que isso mudou.

— Falas com ela? — peço-lhe.

Ela inspira fundo, fecha os olhos. Por um momento, penso que me dirá que tenho de ser eu a resolver aquilo, não posso vir a

correr ter com ela de cada vez que discuto com a minha irmã; é o género de coisa que o meu pai me costumava dizer. Mas ela não, ela só sorri.

— Vou tentar.

Mandamos vir o almoço e comemos. Falamos de amigos mútuos — ela pergunta se tenho visto a Fatima recentemente, se sabia que a Ali tem um emprego novo, quer saber se tenciono ir ao beberete da Dee no fim de semana — então diz que está na hora de ir, tem uma reunião. Digo-lhe que pomos a conversa em dia no sábado.

Não consigo resistir a passar pela loja de recordações ao sair. Queriam usar a minha fotografia do Marcus na capa da brochura, mas eu nunca respondi ao *e-mail*, e em vez dela aparece uma foto de um tipo de ar andrógino a chuchar num chupa-chupa. Também não respondi aos pedidos de entrevistas, embora isso não tenha impedido uma das revistas — a *Time Out*, penso eu — de publicar um artigo sobre mim. Eu era uma pessoa «reclusa», diziam eles, e a minha fotografia era um dos pontos altos da exposição, um retrato «íntimo», simultaneamente «tocante e frágil». O tanas, queria eu responder, mas não respondi. Se me querem «reclusa», é o que lhes dou.

Torno a olhar para o tipo do chupa-chupa. Faz-me lembrar a Frosty, e eu folheio o livro antes de passar aos postais no expositor. Normalmente, compraria alguns, mas hoje só compro um, *Marcus ao Espelho*. Por um momento, quero dizer à pessoa na caixa que a foto é minha, que a tirei para mim, e que, embora a tenha evitado ativamente durante anos, estou na mesma contente que eles a usassem na exposição e eu tivesse a oportunidade de a tornar a possuir.

Mas não. Não digo nada, murmuro apenas um «obrigada», então ponho o postal na mala e saio da galeria. Apesar do ar gélido de fevereiro, percorro a maior parte do caminho até casa a pé — por Covent Garden e Holborn, descendo Theobald's Road em direção a Gray's Inn Road — e a princípio não sou capaz de pensar em nada senão no Marcus e no nosso tempo em Berlim, há tantos anos. Mas quando chego a Roseberry Avenue, já consegui deixar

o passado e estou em vez disso a pensar no que está a acontecer aqui, agora. A pensar na minha irmã, e com uma esperança infundada de que a Adrienne lhe consiga incutir algum bom senso, embora saiba que não irá conseguir. Terei de ser eu própria a falar com a Kate. Serei firme mas bondosa. Lembrar-lhe-ei de que gosto muito dela e de que quero que ela seja feliz, mas também lhe direi que o Connor agora tem quase catorze anos, que o Hugh e eu trabalhamos arduamente para lhe dar uma vida estável e que é importante não a perturbar. A minha prioridade tem de ser fazê-la perceber que as coisas ficam melhor como estão. Pela primeira vez, permito-me considerar que o Hugh e eu devíamos provavelmente consultar um advogado.

Viro a esquina para a nossa rua. Está um carro de polícia estacionado a poucas portas de nossa casa, mas é a nossa porta de entrada que está aberta. Começo a correr; a minha mente esvazia-se de tudo o que não seja a necessidade de ver o meu filho. Não paro até estar dentro de casa, na cozinha, e vejo o Hugh parado à minha frente, a falar com uma mulher fardada. Registo a toalha e os calções de banho do Connor, a secarem em cima do radiador, e então o Hugh e a agente viram-se a olhar para mim. A expressão dela é de neutralidade perfeita, estudada, e eu sei que é esse o ar do Hugh quando dá más notícias. O peito aperta-se-me, ouço-me a gritar, como que num sonho.

— *Que é do Connor? Hugh! Que é do nosso filho?* — Mas ele não responde. Só o vejo a ele na cozinha. Tem os olhos arregalados; bem vejo que aconteceu qualquer coisa terrível, qualquer coisa indescritível. «*Diz-me*», quero eu gritar, mas não grito. Não me consigo mexer; os lábios recusam-se a formar palavras. A boca abre, depois fecha-se. Engulo. Estou submersa, não consigo respirar. Vejo o Hugh dar um passo para mim, tento sacudi-lo quando ele me pega no braço, então encontro a minha voz. — *Diz-me!* — exijo-lhe, repetidas vezes, e um momento mais tarde, ele abre a boca e diz:

— Não é o Connor. — Mas o tempo mal chega para eu constatar o alívio que me invade o sangue, antes que ele diga: — *Lamento, querida. É a Kate.*

Estou sentada à mesa da cozinha. Não sei como aqui cheguei. Estamos sozinhos; a agente foi-se embora, cumprida a sua função. A cozinha está fria. O Hugh segura-me na mão.

— Quando?

— A noite passada.

Está uma caneca de chá adoçado diante de mim, e eu observo-a a fumar. Não tem nada a ver comigo. Não consigo entender porque está ali. Só consigo pensar na minha irmãzinha, caída numa viela parisiense, encharcada pela chuva e sozinha.

— A noite passada?

— Foi o que disseram.

Está a falar baixinho. Sabe que só me lembrarei de uma fração do que ele me diz.

— Que estava ela ali a fazer?

— Não sabem. Ia por um atalho?

— Um atalho? — Tento imaginar a cena. A Kate, a voltar para casa. Bêbeda, provavelmente. A querer poupar uns minutinhos do caminho. — Que aconteceu?

— Pensam que ela tinha acabado de sair de um bar. Foi agredida.

Lembro-me. Um assalto violento, dissera a agente, embora ainda não saibam se lhe levaram alguma coisa. Tinha então desviado os olhos de mim. Baixou os olhos e a voz, e virou-se para o Hugh. Eu ouvi-a, no entanto.

— Não aparenta ter sido violada.

Algo se contrai dentro de mim ao pensar nisso. Dobro-me para dentro; torno-me minúscula, diminuta. Tenho onze anos e

a Kate tem quatro, e eu tenho de lhe dizer que desta vez a nossa mãe não regressará do hospital. O nosso pai pensa que eu tenho idade suficiente para falar com ela, ele não aguenta, não desta vez, cabe-me a mim fazê-lo. A Kate está a chorar, embora eu não tenha a certeza se ela percebe o que lhe disse, e eu estou a abraçá-la. «Nós vamos ficar bem, nós as duas», estou eu a dizer, parte de mim já sabendo no entanto o que vai acontecer. O nosso pai não conseguirá enfrentar a situação, os amigos dele não serão ajuda nenhuma. Estamos entregues à nossa sorte. Mas não posso dizer isto, tenho de ser forte pela Kate. Pela minha irmã. «Prometo. Eu vou olhar por ti. Sempre.»

Mas não olhara, pois não? Tinha fugido para Berlim. Tinha-lhe tirado o filho. Tinha-a deixado morrer.

— Que aconteceu? — torno eu a perguntar.

O Hugh é paciente.

— Querida, não sabemos. Mas eles estão a fazer tudo quanto podem para descobrir.

A princípio, pensei que seria melhor o Connor ficar longe do funeral da Kate. Ele era demasiado jovem, não ia lidar bem com aquilo. O Hugh não concordou. Lembrou-me de que o meu pai não deixara que eu e a Kate fôssemos ao da nossa mãe, e que eu lhe guardei rancor por isso até ao resto da vida.

Tive de admitir que ele tinha razão, mas foi no aconselhamento que se decidiu o assunto.

— Não o podem proteger disto. Ele vai ter de lidar com o luto.
— Ela hesitou. Estávamos os dois sentados no consultório. A psicóloga estava de mãos postas, em cima da secretária diante dela. Eu observava-lhe as marcas nas mãos, minúsculas abrasões, e magi-cava se ela seria amante de jardinagem. Imaginava-a, ajoelhada ao pé de canteiros, com a tesoura de podar, a desbastar botões de rosa murchos. Uma vida à qual ela pode regressar, quando isto tiver acabado. Ao contrário de nós.

— Julia?

Olhei para cima. Tinha-me escapado qualquer coisa.

— Ele *quer* ir?

Quando chegámos a casa, perguntámos-lhe. Ele pensou nisso durante um bocado, então disse que sim, gostaria de ir.

Comprámos-lhe um fato, uma gravata preta, uma camisa nova. Parece muito mais velho, assim vestido, e caminha entre mim e o Hugh, ao entrarmos no crematório.

— Estás bem? — pergunto-lhe, mal nos sentamos.

Ele faz que sim, mas não diz nada. O sítio parece empapado em dor, mas a maioria das pessoas está em silêncio. Em choque. A morte da Kate foi violenta, sem sentido, incompreensível. As pessoas retiraram-se para dentro delas, como forma de proteção.

E no entanto, eu não estou a chorar, o Connor também não, e nem o pai dele. Só o Hugh foi ver o caixão. Ponho o braço à volta do nosso filho.

— Está tudo bem — digo.

As pessoas continuam a fazer fila atrás de nós e a tomar os seus lugares. Ouve-se remexer, as vozes são abafadas. Fecho os olhos. Penso na Kate, na nossa infância. As coisas eram simples, nessa altura, embora não diga que fossem fáceis. Depois de a nossa mãe morrer, o nosso pai começou a beber muito. Os amigos dele — sobretudo artistas, pintores, gente do teatro — começaram a passar cada vez mais tempo connosco, e nós vimos a casa a tornar-se o cenário de uma espécie de festa sempre a rolar, que às vezes soltava faíscas e se engasgava, mas nunca parava por completo. De poucos em poucos dias, chegavam pessoas novas, precisamente quando as outras saíam; vinham carregadas com mais garrafas e mais cigarros, havia mais música, por vezes drogas. Agora consigo perceber que era tudo parte do luto do meu pai, mas naquela altura parecera uma celebração de liberdade, uma pândega que durou uma década. A Kate e eu sentíamos-nos como se fôssemos recordações indesejáveis do passado dele, e embora ele mantivesse as drogas longe de nós e nos dissesse que nos tinha muito amor, não só lhe faltava a inclinação para ser pai, como também era incapaz de o ser, pelo que me calhara a mim olhar por nós as duas. Eu preparava as nossas refeições, punha um bocado de pasta de dentes na escova da Kate e deixava-a à mostra à hora de ir dormir, lia-lhe histórias quando ela acordava a chorar e assegurava-me de que ela

fazia os trabalhos de casa e de que estava todos os dias pronta para ir para a escola. Abraçava-a e dizia-lhe que o papá gostava muito de nós e que ia ficar tudo bem. Descobri que adorava a minha irmã, e apesar dos anos entre nós, tornámo-nos tão próximas como irmãs gémeas, com uma ligação quase sobrenatural.

E, no entanto, ela está ali, naquele caixote, e eu estou aqui diante dele, incapaz de chorar sequer. É inacreditável, e eu sei que em algum ponto a deixei desamparada.

Tocam-me no ombro. Viro-me. É uma mulher desconhecida.

— Só queria dizer olá. — Apresenta-se como Anna. Demoro um momento a situá-la; a companheira de apartamento da Kate, tínhamos-lhe pedido que lesse alguma coisa. — Queria dizer-te o quanto lamento.

Está a chorar, mas há ali uma espécie de estoicismo. Uma resiliência.

— Obrigada — respondo, e um momento mais tarde ela abre a mala que tem ao colo. Passa-me uma folha de papel.

— O poema que escolhi... achas que está OK?

Leio-o por alto, embora já o tenha lido na ordem de serviço. «Para os revoltados», começa, «fui burlada, mas para os felizes, estou em paz.»¹ Tinha-me parecido uma escolha estranha, quando sem dúvida a revolta era a única resposta possível, mas não digo nada. Devolvo a folha.

— É ótimo. Obrigada.

— É um que pensei que a Kate talvez gostasse. — Digo-lhe que tenho a certeza de que ela tem razão. As mãos tremem-lhe e, embora a leitura não seja demorada, eu interrogo-me como ela a aguentará até ao fim.

Mas ela acaba por aguentar. Embora transtornada, vale-se de alguma reserva de força interior, e as palavras dela são claras e fortes. O Connor observa-a, e eu vejo-o a limpar uma lágrima com as costas da mão. O Hugh também está a chorar, e eu digo para comigo que estou a ser forte por ambos, tenho de me segurar,

¹ Versos do poema fúnebre *Remember Me in Your Heart*, de autor desconhecido. (NT)

não posso deixar que me vejam desfeita em cacos. Porém, é-me impossível não desconfiar que me estou a enganar a mim própria e a verdade é que não consigo sentir dor alguma.

Vou depois ter com a Anna.

— Foi perfeito — louvo. Estamos parados à porta da capela. O Connor parece visivelmente aliviado por aquilo ter terminado.

Ela sorri. Penso nos telefonemas da Kate, ao longo das últimas semanas, e interrogo-me o que a Anna pensa de mim, o que a minha irmã lhe contou.

— Obrigada.

— Este é o meu marido, o Hugh. E esta é a minha queridíssima amiga Adrienne.

A Anna vira-se para o meu filho.

— E tu deves ser o Connor, não é? — pergunta. Ele faz que sim. Estende a mão para ela a apertar, e por um momento admiro-me de novo: que crescido ele parece.

— Prazer em conhecer-te — responde ele. Parece totalmente perdido, sem saber como se deve comportar. O menino despreocupado de há poucas semanas, a criança que entrava em correria pela casa adentro, perseguida por três ou quatro amigos, para vir buscar a bola de futebol ou a bicicleta, parece ter-se ido embora de repente. O menino que passava horas com o caderno de desenho e uns lápis desapareceu. Digo para comigo que é temporário, o meu menino logo voltará, mas indago-me se será verdade.

Continuamos a falar, durante um bocado, mas o Hugh deve aperceber-se do desconforto do Connor e sugere irem andando para o carro. A Adrienne diz que vai com eles, e o Hugh vira-se para a Anna.

— Obrigado por tudo — diz e torna a apertar-lhe a mão, antes de pôr o braço à volta dos ombros do Connor. — Anda, filho — pede ele, e viram os três as costas.

— Parece um rapazito simpático — comenta a Anna, assim que eles estão longe de mais para ouvir. O vento levantou; em breve haverá chuva. Ela afasta o cabelo da boca, alisando-o.

— E é — confirmo.

— Como é que ele está a reagir?

— Parece-me que ainda não assimilou bem. — Viramo-nos e caminhamos na direção das flores que foram dispostas no adro à porta da capela.

— Deve ser difícil para ele.

Penso para comigo quanto ela saberá acerca do Connor. Ela e a minha irmã eram velhas amigas: a Kate contou-me que se tinham conhecido uma à outra na escola, embora só vagamente, através de outras pessoas. Há uns anos tinham recuperado o contacto através do Facebook e rapidamente se aperceberam de que ambas tinham vindo viver para Paris. Encontraram-se para tomar um copo, e poucos meses mais tarde, a companheira de apartamento da Anna saiu, e a Kate mudou-se para lá. Eu tinha ficado contente; a minha irmã nem sempre tivera facilidade em manter amizades. Elas deviam falar imenso; no entanto, a Kate era algo reservada, e eu imagino que a questão dolorosa do Connor era algo que ela talvez achasse difícil trazer à baila.

— Ele está bem. Penso eu.

Chegámos ao muro do lado sudoeste do crematório, as coroas, os crisântemos brancos e as rosas cor-de-rosa, tufo de lírios brancos com cartões escritos à mão espetados neles. Dobro-me para os ler, ainda sem perceber bem a razão de ser o nome da Kate que vejo por todo o lado. O Sol irrompe nesse instante entre as nuvens e durante o mais breve dos momentos somos iluminadas pelo seu brilho.

— Aposto que é levado da breca — arrisca a Anna, e eu ponho-me de pé. O Connor é bom rapazito, não dá chatices nenhuma. Decidimos contar-lhe a verdade sobre a mãe mal ele teve idade para compreender.

— É bonzinho. Até agora...

— Dá-se bem com o pai?

— Muito bem. — Não lhe digo que é a maneira como ele se dá comigo que me preocupa. Tento ser a melhor mãe que posso, embora às vezes não me seja fácil. Não é seguramente com a mesma facilidade com que o Hugh é pai.

Lembro-me que uma vez falei disso com a Adrienne. O Hugh estava atarefado com o trabalho, e eu e o Connor fomos de férias

com os gémeos dela. Ela tinha sido incrível, o dia inteiro, com todas as três crianças. Eles eram muito mais pequenos, havia birras, o Connor andava a choramingar por tudo e recusava-se a comer. Eu tinha sido incapaz de lidar com aquilo, e sentia-me mal.

— Preocupa-me que seja por ele não ser meu — confessei-lhe, assim que as crianças tinham ido para a cama e ela estava sentada com um copo de vinho, eu com água com gás. — Percebes? — Ela achou que eu estava a ser muito dura comigo.

— Ele é teu. Tu és mãe dele. E és boa mãe. Tens de te lembrar de que toda a gente é diferente, e a tua mãe não estava presente para te servir de exemplo. Ninguém acha isto fácil.

— Talvez — respondi. Não consegui deixar de magiciar no que a Kate teria dito.

— Isso é bom — responde agora a Anna, e eu sorrio.

— Sim. Temos muita sorte em o ter. — Continuamos a olhar para as flores. Fazemos conversa de chacha, evitando o tema da Kate. Alguns minutos mais tarde, regressamos outra vez para a saída, na direção do parque de estacionamento. A Adrienne está a acenar, e eu digo à Anna que é melhor ir.

— Foi bom conhecer-te.

Ela vira-se para mim e toma as minhas mãos nas suas. O desgosto dela irrompeu novamente, começou a chorar.

— Ela faz-me falta — diz ela, simplesmente.

Seguro-lhe nas mãos. Também quero chorar, mas não choro. O torpor impregna tudo. É uma defesa, disse o Hugh. Estou a bloquear tudo. A Adrienne concorda, ela diz: «Não existe nenhuma maneira correta de viver o luto, Kate.» Não contei a mais nenhuma das minhas amigas como me sinto, não vão elas pensar que não me importa que assassinassem a minha irmã. Sinto-me mal.

— Eu sei. A mim também.

A Anna ergue os olhos para mim. Quer dizer algo. As palavras tombam-lhe da boca para fora.

— Podemos ficar em contacto? Quer dizer, gostava que ficássemos. Se quisesse? Podias vir a Paris visitar-me, ou eu podia vir cá ver-te. Quer dizer, só se quiseres, calculo que estejas muito ocupada...

— Anna, por favor. — Ponho-lhe a mão no braço para a calar. Ocupada a fazer o quê, penso eu. Tinha uns trabalhos na minha agenda — um casal queria fotos com o bebé de oito semanas, a mãe de um amigo do Connor queria a família com o cão *labrador* — mas esses cancelei-os. Neste preciso momento, não estou a fazer nada a não ser existir, a pensar na Kate, a magicar se pode realmente ser coincidência que o dia em que fui ver a foto do Marcus seja também o dia que a levou.

Lá consigo sorrir. Não quero parecer malcriada.

— Gostaria muito.

O Hugh está a comer o pequeno-almoço. Observo-o a deitar leite no café e a acrescentar meia colher de açúcar.

— Tens a certeza de que não é cedo de mais?

Mas é precisamente por isso que eu quero ir, penso eu. Porque passaram dois meses e, segundo o meu marido, eu continuo em negação. Preciso de tornar aquilo real.

— Quero ir lá. Quero encontrar-me com a Anna. Quero falar com ela.

Ao dizê-lo, apercebo-me de quanto significa para mim. A Anna e eu andamos a dar-nos bem. Ela parece calorosa, engraçada. Compreensiva. Não parece criticar. E a Anna era mais chegada à Kate que todos nós — mais que eu, que o Hugh, ou a Adrienne — portanto é a Anna quem me pode ajudar, de uma forma que as minhas outras amigas são incapazes. E talvez eu também a possa ajudar.

— Penso que me fará bem.

— Mas que esperas conseguir?

Faço uma pausa. Talvez parte de mim também se queira assegurar de que a Anna não pensa mal de mim e do Hugh, por ficarmos com o Connor.

— Não sei. Parece-me só algo que quero fazer.

Ele fica em silêncio. Passaram nove semanas, penso eu. Nove semanas, e eu ainda não chorei. Como deve ser, não. Penso novamente no postal que ainda está na minha mala, onde o pus no dia em que a Kate morreu. *Marcus ao Espelho*.

— A Kate morreu. Tenho de encarar isso. — Seja isso lá o que for. Ele acaba de beber o café.

— Não fico convencido, mas... — A voz dele suaviza-se. — Se tens a certeza, então deves ir.

Estou nervosa ao sair do comboio, mas a Anna aguarda-me ao fundo da plataforma. Com um vestido num tom pálido de amarelo-limão, está parada à luz do Sol, que desce em arco das janelas altas. Parece mais nova do que eu me lembrava, e é de uma lindeza serena, simples, em que eu não reparara no funeral. A cara dela é daquelas que eu dantes quereria fotografar; é calorosa e franca. Sorri quando me vê, e eu interrogo-me se ela já se estará a libertar do luto, quando o meu ainda mal se começa a apoderar de mim.

Acena quando me aproximo.

— Julia! — Avança a correr para me saudar. Beijamo-nos nas duas faces e ficamos agarradas por alguns momentos. — Muito obrigada por vires! É tão bom ver-te...

— A ti também.

— Deves estar exausta! Vamos beber qualquer coisa.

Vamos a um café perto da estação. Ela manda vir café para ambas.

— Tens notícias?

Suspiro. O que é que há para dizer? Da maior parte já ela sabe. A polícia pouco progresso fez; na noite em que foi atacada, a Kate tinha estado a beber num bar, aparentemente sozinha. Algumas pessoas lembravam-se de a ver; ela parecia de boa disposição, à conversa com o *barman*. Os registos telefónicos não ajudaram, e ela ia definitivamente desacompanhada quando partiu. É irracional, mas não me consigo livrar da impressão de que sou responsável pelo sucedido.

— Não propriamente.

— Lamento. Como andas?

— Só penso constantemente nela. Na Kate. Às vezes é como se nada tivesse acontecido. Penso simplesmente que podia agarrar no telemóvel e ligar-lhe e tudo ficaria bem.

— Estás em negação. É normal. Afinal, ainda não faz assim tanto tempo.

Suspiro. Não lhe quero contar como a Kate me tem andado a assombrar, que tenho andado a ligar vezes repetidas para o número dela só para ouvir uma voz gravada, em francês, a informar-me

que o número não existe. Não quero que ela saiba que comprei um postal à Kate, que lhe escrevi, e selei o envelope, e depois escondi na cómoda, debaixo de um molho de papelada. Não quero admitir que a pior coisa, a mais desagradável, é que alguma pequena parte de mim, uma parte de mim que eu odeio, mas que não posso negar, está satisfeita por a Kate ter partido, porque ao menos agora não liga a meio da noite, a exigir-me que lhe devolva o filho.

— Dois meses. O Hugh diz que não é praticamente tempo nenhum.

Ela sorri tristemente, mas não diz nada. De certa maneira, fico aliviada; não há nada que alguém possa dizer que ajude, é tudo irrelevante. Às vezes o silêncio é melhor, e admiro-a por o enfrentar.

— Então e tu?

— Oh, sabes como é. Ando mesmo atarefada com trabalho, o que ajuda. — Recordo-me de que ela é advogada, trabalha em *compliance* para uma grande farmacêutica, embora não me tenha dito ainda qual. Fico à espera de que fale mais, mas ela não o faz.

— Como anda o Connor? — pergunta. Parece genuinamente preocupada; não posso crer que me tivesse passado pela cabeça que tinha sido ela quem apoiava a minha irmã a recuperá-lo.

— Ele anda bem. Calculo... — Chegam os nossos cafés. Duas bicas, pacotinhos de açúcar nos pires, um único chocolate embrulhado numa prata. — De facto, não tenho a certeza se anda. Bem, quero eu dizer. Parece zangado a toda a hora, a bater com as portas sem razão, e sei que anda a chorar muito. Eu ouço-o, mas ele nega.

Ela não reage. Parte de mim quer dizer-lhe que ando receosa de estar a perder o meu filho. Durante tantos anos fomos tão próximos, mais amigos que mãe e filho. Encorajei-o artisticamente, levava-o a passear para desenhar. Vinha sempre ter comigo quando algo o arreliaava, tanto como ia ter com o Hugh. Sempre me contou tudo. Assim sendo, porque lhe parece agora que tem de sofrer sozinho?

— Pergunta constantemente se já apanharam alguém.

— É compreensível. É jovem. Perdeu uma tia.

Eu hesito. Havia de saber, certo?

— Sabes que a Kate era mãe do Connor?

Ela faz que sim.

— Quanto te contou ela da história?

— Tudo, penso eu. Sei que vocês lhe tiraram o Connor quando ele era bebé.

Sinto um aperto na garganta, uma reação defensiva. É aquela palavra. «Tirar.» Sinto o mesmo espasmo familiar de irritação — a história reescrita, a verdade encoberta — e tento engoli-lo.

— Não lho *tirámos* propriamente. Na altura, a Kate queria que ficássemos com ele.

Mesmo que mais tarde não quisesse. Gostaria de saber como se tornou a versão da Kate. Imagino que contou às amigas que nós viemos lançados de repente, que lhe rapinámos o Connor quando ela estava perfeitamente a dar conta do recado, que só quisemos o bebé dela porque não conseguíamos ter um.

Outra vez a parte diminuta de mim que está aliviada por ela ter ido desta para melhor. Não consigo evitar, embora me faça sentir desprezível. O Connor é meu.

— Foi complicado. Eu gostava muito dela. Mas a Kate, às vezes, tinha uma noção muito distorcida do modo como estava a dar conta do recado.

A Anna sorri, como que para me tranquilizar. Eu continuo.

— Sei que não foi fácil para ela. Abdicar dele, quero eu dizer. Ela era muito nova quando ele nasceu. Na verdade, ela própria não passava de uma criança. Dezasseis anos. Só um pouco mais velha do que o Connor é agora.

Baixo os olhos para a chávena de café. Lembro-me do dia em que o Connor nasceu. Só passavam uns meses desde que eu voltara de Berlim, e tinha ido a uma reunião. Andava outra vez no programa, e estava satisfeita. As coisas estavam a correr bem. Quando cheguei a casa, o Hugh tinha um saco pronto para passarmos a noite.

— Onde é que vamos? — perguntei, e ele contou-me. A Kate estava no hospital. Em trabalho de parto.

— Liguei ao teu pai — acrescentou. — Mas ele não atende.

Não fui capaz de processar o que estava a ouvir, embora ao mesmo tempo parte de mim soubesse que era verdade.

— Em *trabalho de parto*? Mas...?

— Foi o que disseram.

Mas ela tem *dezasseis anos*, quis eu dizer. Não tem emprego. Ela vive com o nosso pai, ele é que devia olhar por ela.

— Não pode ser.

— Bem, aparentemente, é. Temos de ir.

Quando lá chegámos, tinha o Connor nascido.

— Não te ponhas zangada — pediu o Hugh, antes de entrarmos.
— Ela precisa do nosso apoio.

Ela estava sentada na cama, com ele nos braços. Passou-mo mal entrei, e o amor que eu senti por ele foi instantâneo e chocante na sua intensidade. Teria sido incapaz de me pôr zangada com ela, mesmo que tivesse querido.

— Ele é lindo — declarei. A Kate fechou os olhos, subitamente exausta, depois desviou o olhar.

Mais tarde, falámos sobre o que acontecera. Ela afirmava que nem sequer tinha sabido que estava grávida. O Hugh disse que não era assim tão invulgar.

— Particularmente com miúdas adolescentes. As hormonas podem ainda não ter estabilizado, por isso as menstruações são irregulares, de qualquer modo. É surpreendente, talvez, mas de facto acontece. — Tentei imaginar. Era possível, suponho eu; a Kate era uma menina rechonchuda, a lidar com um corpo que lhe era agora desconhecido. Podia não se ter apercebido do facto de estar de bebé.

— Ela tentou enfrentar a situação — explico eu agora à Anna. — Durante uns dois anos. Mas...

Encolho os ombros. Ela não tinha nada. Quando o Connor fez três anos, a Kate tinha-o levado com ela para Bristol — sem dizer a ninguém porquê — e estava a viver num estúdio minúsculo, com uma casa de banho partilhada e sem cozinha. Tinha um fogão elétrico de bancada ligado ao lado do lavatório e havia um fervedor elétrico de viagem empoleirado em cima de uma bacia de loiça virada ao contrário. A única vez que a visitei, o sítio fedia a urina e a fraldas sujas, e a Kate estava na cama, enquanto o filho estava sentado num banco de carro no chão, preso com o cinto de segurança, nu e com fome.

Ergo os olhos para a Anna.

— Ela pediu-me que o levasse. Só uns meses. Até ela se pôr de pé outra vez. Ela tinha amor ao Connor, mas era incapaz de

olhar por ele. A nossa mãe já cá não estava, claro, e o nosso pai não estava para isso. Os seis meses tornaram-se um ano, e então dois. Sabes como é. O Connor precisava de uma certa estabilidade. Quando ele tinha cerca de cinco anos decidimos — todos nós — que seria melhor se o adotássemos formalmente.

Ela faz que sim.

— Não tentaram contactar o pai?

— Era tudo um bocado confuso. A Kate nunca nos contou quem ele era. — Uma pausa. Sinto uma imensa vergonha, por vez da Kate, além de tristeza pelo Connor. — Penso que ela não sabia ao certo.

— Ou talvez não fosse alguém cuja ajuda ela desejasse...

— Pois. — Olho pela janela para o trânsito, os táxis, rodas de bicicletas que passam a girar. A atmosfera é pesada. Quero animá-la. — Mas ele tem o Hugh, agora. São incrivelmente chegados. Até são muito parecidos, por sinal.

Digo isto numa espécie de euforia. Parece-me irónico. O Hugh é precisamente a pessoa com quem o Connor não tem qualquer laço de sangue, e quem ele respeita e admira é o Hugh.

— Sabes — diz a Anna —, a Kate sempre me disse que embora fosse muito doloroso, ela ficou aliviada quando te ofereceste para olhar pelo Connor. Dizia que, de certa maneira, lhe salvaste a vida.

Interrogo-me se ela estará só a tentar fazer-me sentir melhor.

— Ela dizia isso?

— Sim. Dizia que se não tivessem sido tu e o Hugh, ela teria sido obrigada a voltar a viver com o pai...

Ela revira os olhos, julga que é uma piada. Eu fico calada. Ainda não tenho a certeza se estou pronta para lhe revelar a história familiar. Até esse ponto não, ainda não. Ela apercebe-se do meu constrangimento e debruça-se sobre a mesa para me pegar na mão.

— A Kate gostava muito de ti, sabes?

Sinto um acesso de alívio, mas é então substituído por uma tristeza tão profunda, que é física, um pulsar dentro de mim. Olho a minha mão, na da Anna, e penso na maneira como segurava a da Kate na minha. Quando ela era bebé, pegava-lhe em cada dedo minúsculo e maravilhava-me com a sua delicadeza, a sua

perfeição. Ela nasceu prematura, tão frágil, e porém tão repleta de energia e desejo de viver. Eu ainda não tinha sete anos, mas o meu amor pela minha irmã já era ardente.

E contudo não foi suficiente para a salvar.

— Ela dizia isso?

— Frequentemente — afirma ela, fazendo que sim.

— Oxalá me tivesse dito quando era viva. Mas também, imagino que não o faria, pois não?

Ela sorri.

— Não... — confirma ela, rindo. — Jamais. Não teria sido o estilo dela.

Acabamos os cafés e apanhamos o metro até à Rue Saint-Maur. Vamos a pé até ao apartamento da Anna. Ela mora num imponente bloco de apartamentos, por cima de uma lavandaria. Há uma porta de entrada comum, e a Anna tenta primeiro empurrar a maçaneta, antes de marcar o código na fechadura de segurança.

— Passa metade do tempo avariada — explica ela. Subimos para o primeiro andar. Há uma escrivaninha no patamar, com uma desordem de cartas por cima, e ela tira uma das gavetas para fora e tateia lá por baixo.

— Guardamos aqui uma chave suplente — explica. — A ideia foi da Kate. Ela andava sempre a esquecer-se das chaves. Também dá jeito para o meu namorado, se ele chega antes de mim.

Então temos namorado, penso eu, mas não faço perguntas. Como com qualquer nova amizade, estes são os pormenores que descobrirei gradualmente. Entramos, e ela pega-me na mala, largando-a junto à porta.

— De certeza que não queres ficar cá? — pergunta ela, mas eu digo-lhe que tudo bem, ficarei no hotel que reservei, a algumas ruas dali. Falámos no assunto; eu ficaria no quarto da Kate, rodeada pelas coisas dela. É demasiado cedo. — Tomamos um copo, depois podes fazer o *check-in* a caminho do jantar. Conheço um sítio bestial. De qualquer modo, entra...

É um apartamento agradável, grande, com pé-direito alto e janelas de sacada. A mobília na sala de estar é de bom gosto, embora

enfadonha. Nas paredes, há *posters* emoldurados, o Folies Bergère, o Chat Noir; ilustrações que qualquer um podia escolher apressadamente. Não foi decorado com amor.

— É alugado o apartamento? — Ela faz que sim. — É muito agradável.

— Serve por uns tempos. Queres uma bebida? Um vinho? Ou então eu talvez tome uma cerveja.

Então há algumas coisas que a Kate não lhe contou.

— Tens algum sumo? Ou água?

— Claro. — Sigo-a para a cozinha. Fica nas traseiras do apartamento, está ordeira e limpa — ao contrário da minha, quando parti esta manhã, mas ainda assim, a Anna pede desculpa. Arruma rapidamente um pão de forma que ficou cá fora, um frasco de manteiga de amendoim. Eu rio-me e vou até à janela.

— Eu vivo com um adolescente. Isto não é nada.

Penso na minha família. Como se estará o Hugh a desembarçar com o Connor? Disse que o levaria a sair com ele esta noite — ao cinema — ou talvez jogassem xadrez. Mandariam vir comida pronta, ou talvez comessem fora. Sei que lhes devia ligar, mas neste preciso momento é um alívio só ter de pensar em mim.

A Anna sorri-se e entrega-me um copo de sumo de maçã.

— De certeza que só queres isso?

— Sim, obrigada.

— Não te consigo tentar? — pergunta, ao tirar uma garrafa de vinho do frigorífico. — Última oportunidade!

Eu sorrio, torno a dizer-lhe que estou bem assim. Podia dizer-lhe que não bebo, mas não quero. Ela talvez pergunte porquê, e não é coisa de que eu queira falar. Por enquanto não. Não me quero sujeitar a críticas.

A Anna senta-se diante de mim e ergue o copo.

— À Kate.

— À Kate — repito eu. Tomo um golinho de sumo. Registo o mais breve desejo de que também o meu copo estivesse cheio de vinho, e então, tal como todas as outras vezes, deixo de pensar nisso.

— Queres ver o quarto dela?

Hesito. Não quero, mas não há como evitá-lo. É uma das coisas que vim cá fazer. Encarar a realidade da vida da Kate, e, por conseguinte, a da morte dela também.

— Sim. Vamos.

Não é tão mau quanto eu pensava que seria. Uma janela a dar para um varandim, uma cama de casal com um edredão bege claro, um leitor de CD em cima do toucador, ao lado dos perfumes. É ordeiro; está tudo impecavelmente arrumado. Não é de todo assim que imaginava a Kate a viver.

— A polícia revistou o quarto — conta a Anna. — Deixaram as coisas praticamente como as encontraram.

A polícia. Imagino-os a polvilharem superfícies para tirarem impressões digitais, a pegarem nas coisas dela, a catalogarem-lhe a vida. Sinto a pele incandescente, um milhar de diminutas detonações de choque. É a primeira vez que associo o lugar onde estou à morte da minha irmã.

Inalo profundamente, como se a pudesse inspirar, mas ela foi-se, não resta sequer vestígio do espírito dela. O quarto podia ser de qualquer pessoa. Viro as costas à Anna e dirijo-me à cama. Sento-me. Está um livro em cima do toucador.

— Isso é para ti.

É um álbum de fotografias, daqueles com páginas rígidas e folhas de plástico adesivo para manter as fotos no sítio. Ainda antes de o abrir pressinto o que lá estará dentro.

— A Kate costumava mostrá-las a quem vinha. «É a minha irmã», dizia ela. Tinha tanto orgulho, juro.

As minhas fotografias. A Anna senta-se na cama ao meu lado.

— A Kate contou-me que o teu pai tinha estas guardadas. Ela encontrou-as quando ele morreu.

— O meu pai? — Nunca suspeitei de que ele se interessasse, remotamente sequer, pelo meu trabalho.

— Foi o que ela disse...

Na primeira página está aquela foto. *Marcus ao Espelho*.

— Meu Deus... — Tenho de engolir o choque. É a fotografia completa, por editar, por cortar. Estou ali, de pé atrás do Marcus, a máquina fotográfica aproximada do olho. Nua.

— Essa és tu?

— Sim.

— E quem é o tipo? Ultimamente vejo-o por todo o lado. Sinto um acesso inesperado de orgulho.

— A foto foi usada numa exposição. Tornou-se bastante popular.

— Então quem é ele?

Torno a olhar para a imagem.

— Um ex. O Marcus. — Atrapalho-me com o nome dele; quando o terei dito em voz alta pela última vez? Continuo. — Vivemos juntos, durante um tempo. Há anos. Eu tinha... quê...? Vinte anos? Talvez nem isso. Ele era artista. Deu-me a primeira máquina fotográfica. Tirei esta no nosso apartamento. Bem, era mais uma casa ocupada, na verdade. Em Berlim. Partilhávamo-la com alguns outros. Artistas, sobretudo. Apareciam e tornavam a ir embora.

— Em Berlim?

— Sim. O Marcus quis ir para lá. Foi em meados da década de noventa. O Muro tinha caído, o sítio parecia novo. Como se o tivessem limpo com um pano. Percebes? — Ela faz que sim. Não tenho a certeza de que esteja assim tão interessada, mas continuo. — Vivíamos em Kreuzberg. Por opção do Marcus. Penso que era uma cena à Bowie. — Ela parece baralhada. Talvez seja jovem de mais. — À David Bowie. Ele viveu lá. Ou gravou música lá, não tenho a certeza...

Ponho os dedos na fotografia. Lembro-me de como costumava levar a máquina fotográfica para todo o lado, tal como o Marcus levava o caderno de esboços e o nosso amigo Johan o caderno de apontamentos. Estes objetos não eram só ferramentas, eram parte de quem nós éramos, eram a nossa maneira de fazer sentido do mundo. Eu adquiri uma obsessão por tirar retratos às pessoas enquanto se arranjavam, vestiam, punham maquilhagem, examinavam o penteado ao espelho.

A Anna olha de mim para a imagem.

— Ele parece... — começa ela, mas então detém-se. É como se tivesse visto qualquer coisa na imagem, qualquer coisa perturbante, que não consegue propriamente definir. Torno a olhar para a imagem. Tem este efeito nas pessoas. Insinua-se furtivamente.

— Infeliz? — remato eu a pergunta. — E era. Quero dizer, o tempo todo não — logo após tirar a fotografia, ele pôs-se a cantarolar a par com uma canção qualquer na rádio. Mas sim. Sim, às vezes era.

— Porquê?

Não quero contar-lhe a verdade. Toda não.

— Ele era simplesmente... andava um bocadinho perdido, penso eu, por esta altura.

— Não tinha família?

— Tinha. Eram muito chegados, mas... sabes? As drogas dificultam esse género de coisa.

Ela ergue os olhos para mim.

— As drogas?

Faço que sim. Ela consegue notar, certo?

— Tu amava-lo?

— Amava-o muito. — Dou comigo a desejar com uma esperança feroz que ela não pergunte o que aconteceu, tal como espero que não me pergunte como nos conhecemos.

Ela deve pressentir a minha relutância.

— É uma foto espantosa. — Põe-me a mão no braço. — São todas. És muito talentosa. Vemos mais algumas?

Viro para a primeira página. Aqui, a Kate colou uma foto tirada muito antes; a preto-e-branco e a esborratar deliberadamente para a margem. A Frosty, maquilhada, mas sem a peruca que usava, a calçar os sapatos de salto. Estava sentada no nosso sofá, um cinzeiro a transbordar aos pés, ao lado de um maço de cigarros e um isqueiro. Foi sempre uma das minhas fotos favoritas.

— Quem é essa?

— É a Frosty. Uma amiga.

— Frosty?

— Não me recordo do verdadeiro nome dela. Que, de qualquer modo, ela odiava ter de usar.

— Ela? — A Anna parece chocada, e eu entendo porquê, suponho. Na imagem, o cabelo da Frosty está cortado à escovinha; mesmo com maquilhagem, ela tem um ar mais masculino que feminino.

— Sim. Ela era uma mulher. — Rio-me. — De facto, ela era assim nem uma coisa nem outra, mas dizia-se sempre ela. Costumava dizer: «Uma pessoa é obrigada a decidir-se, neste mundo. Só há dois lavabos nos bares. Só há duas opções nos formulários. Masculino ou feminino.» Ela decidiu que era uma mulher.

A Anna torna a olhar para a imagem. Não estou à espera de que ela entenda. Pessoas como a Frosty — ou até como o Marcus — não fazem parte do mundo dela. Já nem sequer do meu fazem parte.

— Que lhe aconteceu?

— Não sei. Nenhum de nós achava que a Frosty durasse muito. Ela era frágil de mais para este mundo... Mas talvez fossem só os nossos disparates melodramáticos. A verdade é que eu deixei Berlim à pressa. Deixei-os lá ficar. Não faço ideia do que aconteceu depois de eu me ter ido embora.

— Vieste sem olhar para trás?

Que expressão peculiar. Penso na mulher de Ló, a coluna de sal.

— Não podia. — Era demasiado doloroso, quero eu dizer, mas não digo. Fecho o álbum de fotografias e entrego-lho.

— Não. São tuas.

Eu hesito.

— Fica com elas. E com isto, também.

Entrega-me uma caixa que estava no chão ao lado da cama da Kate. É uma lata de biscoitos. Na tampa estão as palavras *Huile d'Olive*, uma imagem de uma mulher de vestido vermelho.

— É para ti.

— O que é?

— São só umas coisas pessoais da Kate. Achei que devias ficar com elas.

Então é isto que resta da minha irmã. É isto que vim buscar para levar para casa. Para o filho dela.

Fico nervosa, como se a caixa pudesse conter alguma ratoeira, uma ratazana ou uma aranha venenosa.

Tiro a tampa. A caixa está cheia de cadernos de apontamentos, fotos, papelada. O passaporte dela está em cima, e eu abro-o na página da fotografia. É recente, uma que eu ainda não tinha visto. O cabelo dela está mais curto e vejo que perdeu peso. Quase parece outra pessoa.

Olho para a data em que caduca. É válido por mais oito anos. Oito anos supérfluos. Fecho-o e ponho-o onde estava, tapo então a lata.

— Vou ver o resto mais logo — declaro. Apercebo-me de que comecei a chorar, pela primeira vez desde que ela morreu. Estou exposta, nua. É como se tivesse sido aberta com uma faca, como um dos pacientes do Hugh, do pescoço à virilha. Estou esfolada, o meu coração uma fenda denteada.

Pouso a caixa. Quero afastar-me, encontrar um sítio tranquilo e quentinho onde possa ficar para sempre e não ter de pensar em coisa nenhuma.

Mas não foi para isto que eu vim? Para minar a memória da minha irmã, para me assegurar de que uma parte diminuta dela sobrevive para o Connor? Para sentir qualquer coisa, para dizer desculpa, para dizer adeus?

Sim, penso eu. É por isso que aqui estou. Estou a agir corretamente.

Então, porque é que me odeio?

— Não faz mal — diz a Anna. — Chora à vontade. Não faz mal.